



Promovendo a equidade de gênero e o empoderamento das mulheres através da agroecologia: um olhar sobre a comunidade Piripiri

Promoting gender equity and women's empowerment through agroecology: a look at the Piripiri community

SANTOS, Thaynan¹; SILVA, Taynara²; LIMA, Railson³; CASTRO, Jacira⁴; SILVA, Marciel⁵; PEREIRA, Laiane⁶;

¹ Universidade Federal do Sul da Bahia, thaynan12santosalves@hotmail.com

² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, taynara.fernandes2903@gmail.com; ³ Universidade de Brasília, railsonborges162016@gmail.com; ⁴ Universidade Federal do Piauí, jaciraachaces1999@gmail.com; ⁵ Universidade de Brasília, marciellenciatutura2016@gmail.com

⁶ Universidade Federal do Piauí, genariaamorim010@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Este trabalho destaca o potencial transformador da agroecologia na construção de um mundo mais justo e sustentável, objetivando analisar como o projeto "Quintais Agroecológicos e as Mulheres no Protagonismo dos Processos Produtivos e Econômicos no Território da Chapada das Mangabeiras" contribuiu para equidade de gênero e o empoderamento das mulheres na comunidade Piripiri. Através de uma metodologia participativa foram realizadas capacitações em práticas agroecológicas, promovendo a participação ativa das mulheres, criando oportunidades de geração de renda, bem como atividades de sensibilização na comunidade. Os resultados obtidos demonstraram que as mulheres ampliaram seus conhecimentos e habilidades em agroecologia, potencializando suas visões de mundo e percebendo-se como sujeitos de direitos. Além disso, elas passaram a ter maior participação nas decisões relacionadas à agricultura, aos assuntos comunitários e à igualdade de gênero.

Palavras-Chave: justiça social; participação ativa; autonomia; inclusão

Contexto

A experiência descrita refere-se ao projeto intitulado "Quintais Agroecológicos e as Mulheres no Protagonismo dos Processos Produtivos e Econômicos no Território da Chapada das Mangabeiras", na comunidade Piripiri, município de Bom Jesus, região do extremo sul do estado do Piauí, Brasil, iniciado em julho de 2018.

Este projeto foi desenvolvido por meio de uma parceria entre a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD), órgão do Governo Federal, e a Universidade Federal do Piauí - Campus Professora Cinobelina Elvas (UFPI-CPCE). As ações foram implementadas no Território da Chapada das Mangabeiras, localizado na região semiárida do Piauí, que beneficiou 30 mulheres agricultoras engajadas na prática agroecológica.

O projeto teve como objetivo promover o protagonismo feminino nos processos produtivos e econômicos da comunidade, assim como a adoção de



práticas agroecológicas nos quintais das mulheres de Piripiri, incentivando a sustentabilidade.

A partir desse lugar, a experiência situou-se na região sul do Piauí que faz parte do circuito espacial da produção agrícola de larga escala, inserida na “última fronteira agrícola” - MATOPIBA, que compreende os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. No sul do estado, no Território da Chapada das Mangabeiras, há uma polarização nas perspectivas de uso da terra: de um lado, médios e grandes fazendeiros, multinacionais e empresas interessadas na especulação de terras; do outro, comunidades tradicionais, associações rurais e movimentos sociais.

Para além deste itinerário, a agroecologia tem promovido debates importantes no campo do empoderamento feminino, oportunizando a visibilidade de práticas agroecológicas, que envolvem um espaço de autoconfiança e tomada de decisão. A experiência da comunidade Piripiri com as mulheres agroecológicas evidencia inúmeras questões, como: a redução das desigualdades de gênero, valorização do conhecimento tradicional das mulheres, promoção do feminismo, da diversidade, a segurança alimentar e nutricional, discussões essas que enaltecem e problematizam os processos de luta e negação de direitos às mulheres.

Descrição da Experiência

As experiências do projeto iniciaram-se em julho de 2018, com rodas de conversas e reuniões realizadas na UFPI juntamente com integrantes da ARREPIA (Articulação Piauiense de Agroecologia) para apresentar, traçar metas e estratégias, de modo que o cronograma de execução das atividades fosse adaptado de acordo com as peculiaridades da comunidade e necessidades expressas pela rotina das mulheres.

Nessa perspectiva, as metodologias envolvidas nos processos de construção do conhecimento no projeto perpassam cinco dinâmicas anticoloniais:

Diagnóstico participativo: envolve a participação ativa das mulheres agricultoras, membros extensionistas e técnicos externos à comunidade na identificação e análise dos desafios, recursos e potencialidades locais. Essa metodologia permite uma compreensão mais profunda do contexto e das demandas específicas da comunidade, fornecendo uma base sólida para o planejamento das ações do projeto.

Capacitação e formação: foi utilizada para fortalecer e emancipar os conhecimentos e competências das mulheres produtoras, incluindo a realização de oficinas, treinamentos práticos, troca de experiências e ações de educação popular, com o objetivo de proporcionar às participantes a ampliação das práticas agroecológicas em seus quintais.

Acompanhamento técnico: consiste em fornecer suporte e assistência contínua às mulheres agricultoras ao longo do projeto, no qual envolveu visitas técnicas regulares às propriedades, monitoramento das práticas agroecológicas, identificação de desafios e fornecimento de orientações e soluções adequadas.

Intercâmbios de saberes: essa metodologia promoveu a troca de conhecimentos e experiências entre as mulheres agricultoras, na qual permitiu que elas compartilhassem suas práticas bem-sucedidas, desafios enfrentados e



soluções encontradas. O intercâmbio de saberes ocorreu por meio de visitas entre as propriedades, encontros comunitários, grupos de estudo, redes de aprendizagem e visitas a outras comunidades.

Por fim, o **monitoramento participativo**, que envolveu a participação ativa das mulheres agricultoras na avaliação dos resultados e impactos do projeto. Essa metodologia permitiu às participantes acompanharem sua evolução, identificarem seus desafios e tomarem decisões conjuntas para melhorar suas práticas e resultados.

Em progressão, foi realizado o reconhecimento social e familiar da comunidade e dos quintais das mulheres participantes (Ver figura 01). Neste momento, tivemos a oportunidade de agendar o primeiro curso de capacitação em Sistemas Agroflorestais, que consistiu-se no terceiro momento, no qual foi realizado o redesenho dos agroecossistemas (ver figura 01).

FIGURA 01 e 02: À esquerda, apresentação do projeto e reconhecimento social e familiar da comunidade e dos quintais; à direita, curso de capacitação em Sistemas Agroflorestais e redesenho dos agroecossistemas.



Fonte: Railson Borges, 2018.

A partir das questões organizativas supracitadas, foi realizado o curso de Comercialização de Produtos Agroecológicos e Gestão da Caderneta Agroecológica, projetando uma ação formativa que forneceu às mulheres conhecimentos e habilidades essenciais para o envolvimento na prática com gestão de negócios e organicidades de recursos, como: despesas e ganhos na produção, além de trazer para a cena o lugar de protagonismo das mulheres no que compete aos espaços de produção e renda familiar. As etapas de formação construídas durante o projeto foram:

Introdução à agroecologia: as mulheres foram dialogando com os princípios e conceitos fundamentais da agroecologia, trazendo suas experiências já realizadas antes da chegada do projeto. Nesse sentido, ao mesmo tempo que aprenderam elas ensinaram sobre a importância da agricultura sustentável, os princípios da agroecologia e os benefícios ambientais, sociais e econômicos.



Produção agroecológica: nessa etapa as mulheres aprenderam e ensinaram técnicas de produção agroecológica, incluindo manejo de solo, controle de pragas e doenças de forma sustentável, manejo da biodiversidade, rotação de culturas, entre outros. Além disso, o diálogo alertou sobre a importância da preservação dos recursos naturais e da biodiversidade no processo produtivo.

Certificação e regulamentação: esse momento abordou as diferentes formas de certificação para produtos agroecológicos e as regulamentações que governam suas produções e comercialização. As mulheres agroecológicas aprenderam sobre os selos e padrões de certificação orgânica e agroecológica, bem como os requisitos legais e as boas práticas de manipulação e rotulagem.

Comercialização de produtos agroecológicos: nesse fazer as mulheres aprenderam estratégias de marketing específicas para produtos agroecológicos. Elas já exploram canais de comercialização, como feiras agrícolas, mercados locais, programas de alimentação institucional e estratégias de venda direta. Além disso, foram discutidas estratégias de branding, embalagem e comunicação eficaz com os consumidores.

Gestão financeira: nesse momento foram anunciados os princípios básicos de gestão financeira aplicados à gestão de negócios. Elas aprenderam a elaborar planos de negócios, gerenciar custos e despesas, calcular preços de venda, analisar viabilidade econômica e identificar fontes de financiamento adequadas para empreendimentos agroecológicos.

E, por fim, a **caderneta agroecológica:** nesse instante a formação foi específica para a gestão da caderneta agroecológica, um instrumento importante para rastreabilidade e transparência na comercialização de produtos agroecológicos. As mulheres aprenderam a registrar informações relevantes sobre a produção, como insumos utilizados, práticas de manejo, colheitas realizadas, vendas efetuadas, entre outros. Elas passaram a interpretar e utilizar essas informações para aprimorar a gestão do negócio.

FIGURA 03: Curso de capacitação sobre o uso da caderneta agroecológica na comunidade Piripiri.



Fonte: Railson Borges (2019).

Diante desse lugar de movimento, construção e reconstrução constituiu-se a agroecologia e a (re)existência feminina em Piripiri. Durante a pandemia da covid-19 e em meio aos processos de realização do projeto quintais agroecológicos as mulheres de Piripiri viram-se na necessidade de cuidar da saúde, ou seja, não contrair o vírus e ao mesmo tempo comercializar seus produtos para que através dos seus excedentes mantivessem a comida na mesa.



Nesse sentido, na construção do conhecimento realizado nas formações em diálogo coletivo com o grupo de mulheres, surge a **entrega de cestas agroecológicas**. As entregas foram realizadas em uma moto pop 100, na qual uma das mulheres e um técnico participante do projeto e também sujeito residente da comunidade passaram a viajar 18 km duas vezes na semana para fazer as entregas domiciliar na cidade de Bom Jesus, levando em consideração todas as recomendações da Organização Mundial da Saúde - OMS, uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social.

As atividades foram divididas entre os dois responsáveis, o técnico na responsabilidade de realizar os posts de divulgação para socializar entre os contatos e grupos na rede social (whatsapp), anotar os pedidos e controlar a partir da lista de produtos socializados pelas mulheres. A mulher agroecológica teve como ação coletar todos os produtos e com ajuda de outras duas mulheres realizavam a higienização, empacotamento dos produtos e montagem das cestas.

O valor mínimo para entrega era 35,00 reais e os clientes tinham a liberdade de escolher a partir da lista diversa de produtos disponíveis na divulgação dos posts. As divulgações eram abertas para a sociedade em geral, mas o público atendido com as cestas foi centrado nos professores da Universidade Federal do Piauí - UFPI de Bom Jesus - PI, alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo - UFPI e os clientes que já tinham contato na feira antes da pandemia da covid-19.

A atividade de entrega das cestas agroecológicas foi realizada durante quatro meses, sendo de abril a julho de 2020, e, durante esse período em que tudo era incertezas, foi se constituindo a força e o protagonismo das mulheres na economia familiar e na região. Infelizmente os casos de covid-19 intensificaram-se e as entregas foram suspensas

Ainda durante a vigência do projeto, as mulheres da comunidade Piripiri participaram do intercâmbio de vivências e experiências, entre os dias 10 e 12 de fevereiro de 2023, nas comunidades Moisés e Lagoa dos Prazeres no Território Quilombola Lagoas, o maior do Nordeste, no município de São Raimundo Nonato-PI. Tendo como proposta conhecer/trocar experiências, refletir sobre os processos produtivos e sobre a organização dos grupos dessas comunidades, o que foi essencial para as mulheres começarem a pensar em outros processos de organização coletiva.

Resultados

O projeto contribuiu com a construção da autonomia e auto-organização dessas 30 mulheres durante a realização do mesmo, que perpetuam até os dias atuais, além de evidenciar as práticas sustentáveis baseadas em produções orgânicas que visam um modelo de vida e um ambiente saudável. É importante destacar que o projeto desenvolvido junto às mulheres de Piripiri contribuiu para o reconhecimento da importância do seu trabalho, que é na sua maioria invisibilizado.

O acompanhamento e assessoria em suas práticas produtivas e de comercialização garantiu um ambiente de empoderamento das mulheres, dando visibilidade e reconhecimento ao seu protagonismo nas esferas familiares, de grupos produtivos e na sociedade. Desta forma, a implantação e aprimoramento de quintais produtivos, capacitações para produção e comercialização, uso da



caderneta agroecológica, intercâmbios, seminários, ações de visibilidade e cirandas infantis são indispensáveis para garantir que as mulheres disputem e ocupem o seu espaço de direito.

A atuação ativa das mulheres da comunidade Piripiri, através dos espaços de diálogo e empoderamento, incidiu a participação ativa nas decisões relacionadas à agricultura e aos assuntos comunitários. Elas se tornaram mais confiantes em expressar suas opiniões e contribuir com ideias, influenciando a produção local com mais autonomia. A presença das mulheres em instâncias de tomada de decisão aumentou, promovendo uma maior representatividade e inclusão de perspectivas de gênero.

Esses resultados evidenciam o potencial da agroecologia como uma ferramenta para promover a equidade de gênero, a justiça social e o empoderamento das mulheres na comunidade Piripiri. Através desses processos, foi possível fortalecer o papel das mulheres na agricultura sustentável, promovendo uma maior igualdade de gênero e contribuindo para o desenvolvimento social e econômico da comunidade como um todo, além da discussão de criação de uma associação agroecológica das mulheres de Piripiri, que está em andamento.